



Black Bloc em ação: reforço de identidade e outras dinâmicas de ativismo no Facebook

Black Bloc in action: identity reinforcement and other activist dynamics on Facebook

Rodrigo Carreiro*

RESUMO

O trabalho tem como objetivo estabelecer um quadro geral sobre o modo como o Black Bloc utiliza a rede para levar à frente suas ações políticas no Brasil. Para tanto, desenvolve um breve panorama das redes que se formam em torno das três maiores páginas do BB no Facebook e identifica padrões de postagens a partir de categorias previamente estabelecidas. Na via teórica, discute-se a emergência de novas dinâmicas de ativismo, que se utilizam das redes digitais para construir novas formas de atuação política e reforçar atividades pré-existentes, além de a articulação em rede de movimentos globais para atuação em contextos locais e as formas de ação coletiva centradas no indivíduo e descentralizadas do ponto de vista institucional. Ao fim, conclui-se que a atuação política dos Black Bloc no Brasil é preocupada em reforçar sua identidade junto a sua crescente audiência, apresenta uma dinâmica de muitos engajados eventuais e outros tantos que não se envolvem com o conteúdo, além de denotar uma preocupação em informar aos cidadãos sobre atos locais, mas também uma a ideia de se propagar os valores do Black Bloc com atuação internacional e sem fronteiras.

Palavras-chave: Ativismo; Facebook; Black bloc; Ação coletiva; Internet.

ABSTRACT

This paper aims to establish a wider landscape about the way Brazilian Black Bloc uses Facebook tools to act politically. To reach this goal, we discuss aspects on the networks of the three major Black Bloc Facebook pages and also identify post patterns related to categories previously established. In the literature review, we address the emergency of new dynamics of activism that uses digital networks to set up new ways of political action and also reinforce pre-existing ones. Thus, we discuss the way global movements act in terms of network articulation in local context, besides issues on decentralized and citizen-driven collective action. Finally, we argue that the Black Bloc political action in Brazil is concerned to identity reinforcement, presents a dynamics that shows an engagement of one-time users, informs citizens about local acts and propagates values about group formation in an international borderless basis.

Keywords: Activism; Facebook; Black bloc; Collective action; Internet.

* Doutorando em comunicação e cultura contemporâneas pela UFBA. Endereço: Av. Manoel Dias da Silva, n 1831 - 41830-000 - Salvador-BA. Telefone: (71) 9957 3339. E-mail: rodrigocarreiro@gmail.com

INTRODUÇÃO

O ano de 2013 foi marcado pelas manifestações populares que lotaram praças e ruas em todo Brasil, reunindo milhões de pessoas em protestos dos mais variados. Dentre as bandeiras, saúde, educação, melhorias de infraestrutura, PEC-37¹, gastos da Copa, dentre outras. O uso dos sites de redes sociais nesse contexto foi apontado como um marco importante para se pensar a conexão entre pessoas distintas em torno de temas em comum. À esteira desse movimento, as manifestações também trouxeram os Black Blocs, tidos não como uma organização ou grupo social, mas sim como uma tática de protesto que visa majoritariamente a destruição de símbolos capitalistas como efeito simbólico de protesto². Com o fim das manifestações de massa, os Black Blocs continuaram na ativa perpetuando suas ideias por meio de um crescente número de pessoas conectadas via páginas do Facebook, aliados a protestos violentos que ganharam atenção da mídia de massa.

Embora não seja um fenômeno novo, muito menos de raiz nacional, a atuação do Black Bloc no Brasil, até por não haver sites ou organização institucional formal, dá-se em boa parte via articulação no Facebook, através de marcação de protestos, *posts* que reforçam a identidade BB, relatos de manifestações etc. O cenário político em que eles atuam aponta para a emergência da compreensão de novas dinâmicas de atuação de movimentos sociais e de ativismo, que se utilizam das redes digitais para construir novas formas de ação política e reforçar atividades pré-existentes (Castells, 2005; González-Bailón, 2013). Esse contexto também traz consigo questões mais dinâmicas e diretas, como a articulação em rede de movimentos globais para atuação em contextos locais e as formas de ação coletiva centradas no indivíduo e descentralizadas do ponto de vista institucional (Bennett e Segerberg, 2011; Bimber et al, 2012).

Por esse caminho, o presente artigo tem como objetivo analisar a atuação política do Black Bloc no Facebook, durante o período de agosto de 2013. A intenção é (1) apresentar um panorama das redes que se formam em torno das três maiores páginas do Black Bloc no Brasil e (2) identificar padrões de postagens. Para tanto, investiga-se as páginas Black Bloc Brasil, Black Bloc RJ e Black Bloc SP e extrai dados com a ajuda do software Gephi e do aplicativo Netvizz. A análise combina elementos quantitativos, levando em consideração a relação entre engajamento (curtidas, compartilhamentos e comentários) e o conteúdo das páginas, e qualitativos, resultando numa categorização de posts em temas e subtemas de acordo com o propósito da mensagem. Espera-se estabelecer um quadro geral sobre o modo como o Black Bloc utiliza a rede para levar à frente suas ações políticas, de forma a reforçar sua identidade, mobilizar pessoas, referir-se à mídia e cobrir e relatar as manifestações.

NOVAS DINÂMICAS DE ATIVISMO E AÇÃO COLETIVA

O ativismo político se refere a ações em grupo, que se aglomeram em torno de um tema em comum para advogar em determinada causa de impacto social e/ou político

¹ A Proposta de Emenda Constitucional nº 37 dá poder exclusivo de investigação à polícia no que tange a investigações criminais, tirando parte dessa prerrogativa do Ministério Público. A proposta, no entanto, foi rejeitada no Congresso ainda em 2013.

² A seção 3 deste artigo discute, dentre outros assuntos, o Black Bloc enquanto organização social, trazendo à tona algumas questões referentes a movimentos sociais e associativismo.

(HARLOW, 2011). No caso da internet, o ativismo encontra tanto possibilidades de reorganização de práticas do ponto de vista de articulação em rede, quanto de criação de novas formas de envolvimento político. O chamado ciberativismo (ou e-ativismo ou ativismo digital) encontra nas ferramentas digitais instrumentos que tornam o trabalho do ativismo mais ágil e eficiente, como a produção de material informativo, divulgação de campanhas virais, incremento de recursos para ação de forma coletiva, dentre outros (Maia, 2011). No geral, o ativismo digital se beneficia da rede basicamente em três caminhos (Harlow, 2011): convocação *online* para ações *offline*, convocação para ações *online* que também podem ser realizadas *offline*, e convocação para realização de atividades que só são possíveis *online* (como práticas de hacktivismo, por exemplo).

O e-ativismo é também constantemente associado ao termo inteligência coletiva, que agrega toda a sorte de elementos de compartilhamento de ideias, articulação entre pessoas em torno de um tema em comum e discussão pública, a fim de, utilizando ferramentas simples e largamente disponíveis, produzir conteúdo e informação para atingir algum objetivo político (CHADWICK; HOWARD, 2009). Essa já é a realidade de grupos que se formam à margem do poder político e da cobertura midiática tradicional – como, por exemplo, o coletivo chamado Mídia Ninja, que ganhou notoriedade durante as manifestações de junho de 2013 no Brasil ao apresentar uma cobertura alternativa dos acontecimentos. Além desse caso, pode-se lembrar também de organizações civis consolidadas e com apelo forte na sociedade, como o Greenpeace, que utiliza as ferramentas digitais como forma alternativa e complementar de ativismo (LYCARIÃO, 2011). Em ambos os casos, utiliza-se meios digitais para a criação de estratégias novas para fidelizar os ativistas já engajados e para angariar novos membros (CHADWICK, 2006).

Nesse contexto, o termo ‘ação coletiva’ é comumente utilizado no campo social para tratar de atividades realizadas por um coletivo de pessoas em direção ao mesmo bem comum ou em busca de um objetivo compartilhado (BIMBER et al, 2012). Em muitos casos, ação coletiva e ativismo se entrelaçam e são utilizados para tratar de assuntos e situações iguais ou muito semelhantes. Mas, no geral, são termos que nos últimos anos vêm acompanhados de perto do componente da tecnologia digital, de suas características técnicas, seu poder de ligação em rede, sua capacidade de redução de custos e possibilidade de viralização de campanhas.

Com as últimas manifestações no Brasil – a exemplo de movimentos internacionais como Os Indignados, Occupy NY, Primavera Árabe e outros –, trazem à tona outra discussão. Se, por um lado, grupos de ativismo e entidades organizadas usufruem das redes digitais para incrementar suas ações, há, de outro, uma quantidade crescente de protestos e manifestações que têm no indivíduo sua centralidade e sua força de expressão maior. O ponto de partida para entender esse fenômeno advém de um cenário mais amplo. A tecnologia digital influi na ação coletiva porque oferece estrutura e ubiquidade (BIMBER et al, 2012). O primeiro se refere à questão material, das redes e de como a internet oferece subsídios materiais para que as pessoas se conectem a partir de pontes culturais, políticas e comunitárias. A ubiquidade diz respeito à furtividade com que as redes digitais perpassam a vida social das pessoas, resultando em práticas sociais distintas e mais complexas. Embora admitam que ubiquidade e estrutura não são suficientes para explicar uma teoria da ação coletiva, Bimber et al (2012) assinalam a ideia de que esse é o caminho inicial para entender como as condições técnicas das redes digitais caminham para permitir ou reforçar a ação coletiva centrada no indivíduo.

Além disso, Castells (2008) explica que o princípio organizacional das sociedades modernas é a centralidade da identidade, que dá força de conexão entre as pessoas cada vez mais por atributos culturais que por questões geográficas hermeticamente definidas. Essa concepção ajuda a entender, por exemplo, porque cresceu nos últimos anos o número de organizações civis com atuação global, tendo ações repercutidas em diversas partes do mundo, como o Avaaz. Ou a estruturação de protestos e manifestações que, embora expressos em contextos locais, guardam semelhanças e táticas de atuação independentes da nação que ocorre – como é o caso do Black Bloc. Portanto, com a diversificação de fontes de informação proporcionada pelas redes digitais, o indivíduo pode se conectar a outros e/ou a ideias sem necessariamente precisar fincar-se geograficamente. Nesse contexto, González-Bailón et al (2013) chamam atenção para o fator “aprendendo com a experiência”, isto é, tem-se acesso muito facilmente a práticas políticas realizadas em outras nações, em grande parte proporcionada pela lógica em rede da internet, o que pode levar o indivíduo a adaptar determinada atividade ao contexto local e às normas sociais vigentes em sua realidade. Para tanto, o indivíduo não precisaria necessariamente se afiliar ou se ligar a nenhuma entidade formalmente concebida.

Outro fator que contribui para a questão que estamos tratando aqui é uma mudança significativa na concepção e na expressão da esfera privada de cada cidadão (PAPACHARISSI, 2010). A autora explica que, com a consolidação da internet nas relações cotidianas, hábitos cívicos e políticos passam a ser expressos em espaços que são ao mesmo tempo privados e públicos. A pervasividade da comunicação digital borrou a barreira existente entre essas duas esferas, isto é, quando se trata de se expressar social ou politicamente, o indivíduo, principalmente o jovem, passa a utilizar novos hábitos sociais que têm como base o rompimento da esfera privada para torná-la mais interativa. Por esse caminho, a esfera privada não é mais construída isoladamente, mas sim em constante exposição na esfera pública, o que resulta numa ligação mais forte entre indivíduos a partir de atributos culturais, sociais e políticos.

A experiência individual compartilhada ganha terreno na internet desde o início dessa história, em meados da década de 1990, mas se coloca mais forte a partir da consolidação das tecnologias móveis e dos sites de redes sociais. Van Dijk (2012, p. 181) estuda esse fenômeno com a preocupação de não tratá-lo como uma exacerbação do egocentrismo: “As redes são a contrapartida social da individualização. Usando elas, o indivíduo cria um entrecruzamento de relações sociais geograficamente dispersas”.

O que está em questão aqui, portanto, é que a partir das possibilidades estruturais da internet – entre sites de redes sociais e mobilidade comunicacional – o indivíduo tem a capacidade de expressar a sua individualidade em interação com o outro, ultrapassando barreiras privadas e colocando suas experiências em constante processo de compartilhamento. Esse processo desencadeia novos hábitos cívicos (PAPACHARISSI, 2010), que, para o campo das expressões políticas, têm afastado o cidadão de entidades organizadas mantenedoras uma agenda de trabalho mais focada e preocupada em coalizões. O cidadão conectado e mais livre do ponto de vista institucional é capaz de se expressar politicamente em convergência à ideias e indivíduos, realizando ações de ativismo mais difusas (e mais ágeis e baratas) e, em alguns casos, em tom mais satírico (vide montagens publicadas na rede e que são largamente compartilhadas), articulando em rede protestos, utilizando-se de perfis pessoais para demarcação de posicionamento político, atuando como *hub* de mobilização, cobrindo manifestações, dentre outros.

BLACK BLOC E O CIBERATIVISMO EM REDE

A ideia do Black Bloc como uma tática de protesto tem seu histórico ligado ao grupo de estudantes conhecido como SDS³, que protestaram, nos EUA em 1969, pelo fim da Guerra do Vietnã. Mas a estética e a marca definitiva adotada se consolidam na década de 1980, mais notadamente durante a visita do presidente americano Reagan à Berlim, em que os alemães protestaram contra a Guerra Fria e o programa militar dos países desenvolvidos. Na época, o uso da roupa preta, máscaras e manifestação em bloco – sempre na ponta de lança dos protestos – aliaram-se ao ataque a símbolos do capitalismo (VAN DEUSEN, 2010).

Outra característica que envolve os Black Blocs é a não formação institucional de um grupo organizado ou a filiação a outras entidades. Como afirma Juris (2005):

The Black Bloc is not an organization, or a network, but rather a specific set of tactics enacted by groups of young militants during protests. Although repertoires vary with each action, they often include destruction of private property, usually banks and transnational storefronts, ritualized confrontation with police and a series of more specific practices: such as ‘de-arrests’, marching in small, compact groups with elbows linked, or jail solidarity (JURIS, 2005, p. 420).

Uma vez que as táticas específicas e os rumos de atuação podem variar de acordo com cada contexto, o fator de adaptação é importante para entender o fenômeno. No entanto, mantém-se a ideia de destruição de símbolos do capitalismo. Em Seattle, por exemplo, durante a realização da Conferência da OMC (Organização Mundial do Comércio) em 1999, os Black Blocs tiveram como alvo principal as lojas Starbucks – maior rede de cafeterias do mundo e com sede na cidade. Já no Brasil, em 2013, as agências bancárias e concessionárias de automóveis foram os mais atingidos. A tática inclui ainda a formação em bloco e atuação no *front* das manifestações, com o intuito de proteger o centro da manifestação da atuação da polícia (VAN DEUSEN, 2010), e realização do que Juris (2005) chama de “violência performática”.

Se surgem com o objetivo de ser uma visão contrária à polarização do mundo durante a Guerra Fria, hoje atuam em oposição ao modelo sociopolítico do capitalismo. Esse objetivo fica claro nas ações empreendidas, como as citadas anteriormente, e na composição e distribuição de material de protesto. Embora não se reconheçam como um grupo social formalmente estabelecido, essa é uma questão em constante tensão, principalmente pelo modo como o Black Bloc atua: disperso, sem liderança, acoplando-se a movimentos e reivindicações sociais das mais diversas e sem fronteiras. Ainda assim, a partir da tradição sociológica, é possível enquadrá-los dentro de conceitos como movimentos sociais, associações sociais ou formações sociais. De forma geral, dentro do legado Weberiano, movimentos como o que estamos tratando aqui se referem a momentos de transição na sociedade ou a situações de conflitos de interesses e poder. Na prática, isso resulta em ações que têm raízes em grupos e classes distintas e que se expressam de formas variadas, a depender do contexto.

Um movimento social, de forma estrita, pode ser definido como “spontaneous forms of collective political action which break everyday routines and challenge established political norms” (EYERMAN, 2006, p. 601). Ainda que se discuta uma concepção

³ SDS vem do inglês Students for Democratic Society.

normativa institucionalizada, legal ou oficial, o Black Bloc pode ser compreendido pela lente de um movimento social: forma-se de maneira espontânea através, principalmente, de articulação em rede e utilização de mecanismos de comunicação digital, levanta uma bandeira política anti-capitalismo, quebra rotinas cotidianas ao promover protestos, e desafia o *establishment* sócio-político. Ou, ainda, pela lente de uma associação voluntária:

O fundamento desta particular configuração de grupo social é sempre normativo, no sentido de que se trata de uma entidade organizada de indivíduos coligados entre si por um conjunto de regras reconhecidas e repartidas, que definem os fins, os poderes e os procedimentos dos participantes, com base em determinados modelos de comportamento oficialmente aprovados (CESAREO, 1998, p. 74).

Portanto, as características dos Black Blocs que foram aqui apresentadas levam à compreensão de que eles formam um grupo ou movimento social que vai muito além de uma simples tática de protesto. Essa é, aliás, uma forma de estabelecer um conceito para si próprio e dar a essa expressão particular contornos de ideologia – como veremos na parte final do artigo, por meio da análise de posts que exaltam as estratégias empregadas em manifestações ao redor do mundo.

Essa noção de movimento ou grupo social se torna mais borrada em cenários de comunicação horizontal e consolidação das redes digitais no cotidiano das pessoas. Um ponto crucial para entender o fenômeno atualmente é a utilização da internet para articular protestos e reforçar a identidade por trás do grupo.

In the case of recent protests, large numbers of people were recruited and mobilized in a decentralized, horizontal way, using preexisting networks of communication that were not necessarily, or not exclusively, political. The leaders of the movement (the “initial volunteers”) managed to seed those networks with protest messages that snowballed until they reached global proportions (GONZÁLEZ-BAILÓN et al, 2013, p. 947).

Podem ser inseridos nesse panorama protestos e movimentos auto mediados, como o Occupy (EUA), Indignados (Espanha) e a Primavera Árabe (Tunísia e Egito). Em todos eles, ou em sua maioria, os Black Blocs estiveram presentes como uma expressão alternativa, mimetizando-se nos movimentos a fim de levar à frente sua ideologia. Nesse cenário, a mensagem ganhou mais espaço que uma organização específica, pois, de acordo com Castells (2013), a mensagem se tornou viral porque impactou diretamente nas experiências pessoais das pessoas. O mote de partida desses movimentos, incluindo as manifestações brasileiras, foi a rejeição às instituições políticas e econômicas hegemônicas – mesmo que não houvesse claramente uma bandeira de luta somente.

Ainda na ceara das fronteiras e tensões de que estamos tratando, Crossley e Ibrahim (2012) buscam na ideia de ‘critical mass’ uma explicação para o desenvolvimento de movimentos populares que, a partir de conexão via redes digitais, formam massas de indivíduos que tornam o movimento autossuficiente. Isso quer dizer que há (1) concentração de pessoas em torno de um objetivo em comum – a fim de realizar uma ação coletiva que vise o reforço de determinada identidade ou busque um objetivo sociopolítico específico – que (2) investem recursos para que a ação se realize e se mantenha autossuficiente. A base sustentadora fica a cargo do componente de conexão em rede e da comunicação entre os membros, que guardam pelo menos

uma ligação indireta entre si. Nesses casos, a decisão em aderir aos movimentos está ligada em grande parte na visão que o indivíduo tem do número de pessoas que já aderiram à causa (GONZÁLEZ-BAILÓN et al, 2013). Para que isso ocorra, a “base de cálculo” do cidadão está atrelada à capacidade de conexão de si mesmo com o movimento e na possibilidade de formação de redes sociais fortes em torno da causa defendida – elementos, em contexto atual, dependentes da internet.

Entre as práticas e apropriações sociais da internet atualmente, o Facebook e outros sites de redes sociais são os mais utilizados no mundo. A ação de compartilhamento no Facebook ou a replicação de mensagens no Twitter, por exemplo, revelam um alargamento nas relações de contato, partilha ou interação entre os usuários, independente dos mesmos pertencerem a uma mesma rede social. No caso da informação política ela também pode ser transmitida e trocada através de interações sociais, o que parece ter papel importante para o aprendizado político, formação da atitude e comportamento (ZHANG et al, 2010). Por ter *feeds*, o Facebook oferece formas “invasivas” de discussão, ou seja, os temas/posts invadem a *timeline* a partir do compartilhamento dos amigos – e não é preciso acionar determinados temas. Essas e outras características da rede oferecem subsídios para estudos contextuais, que levam em consideração tanto parâmetros materiais quanto fatores sociais para analisar questões políticas de relevância. Zhang et al. (2010) explicam que o envolvimento do cidadão em questões políticas em redes sociais online não é necessariamente um sinal de participação, mas, sobretudo, uma forma de incremento do próprio repertório político – fator este importante do ponto de vista cívico e participativo (BUCY; GREGSON, 2001; GOMES, 2011).

O trabalho de Nermeen Sayed (2011) busca explorar as razões por trás da utilização ativa dos sites de redes sociais pelos ativistas egípcios no período que precedeu a revolução de 25 de janeiro, em uma tentativa de medir o peso dos *media* sociais como plataformas para a mobilização política. As motivações mais fortes do uso político dos sites de redes sociais pelos jovens ativistas foram: (1) Orientação; (2) Vigilância; (3) Conveniência; (4) Estabelecimento de redes de contato; (5) Utilidade social; e (6) Entretenimento. Utilizar os sites de redes sociais para informação política foi significativamente relacionado à prática política *online*. Quanto mais jovens ativistas eram motivados a expandir suas redes, mais eles usavam essas ferramentas para comunicação política. Quanto mais eles eram guiados por motivos de utilidade social, menos eles praticavam a comunicação política online e mais se interessavam por entretenimento. Isso significa que aqueles que participam *online* já participavam *offline*.

METODOLOGIA

O presente trabalho tem como objetivo analisar como o Black Bloc se expressa politicamente na internet. A escolha do Facebook como *locus* de pesquisa se deu pelo fato de que essa é a rede social mais usada no Brasil⁴ e, conseqüentemente, é por onde discussões públicas podem ser identificadas e aferidas. Como não há grupos formados ou registros institucionais, os Black Blocs se dividem em páginas em sites de rede social e fóruns espalhados pela internet, que são, em última instância,

⁴ De acordo com o ‘2013 Brazil Digital Future in Focus’, pesquisa conduzida pela consultoria digital ComScore, o brasileiro passa, em média, 27 horas por mês conectado. Destes, 36% é ligado em sites de redes sociais, tendo o Facebook como líder do segmento, com 44 milhões de usuários.

propícios para conexão instantânea em rede e de fácil viralização. A partir disso, realizou-se uma prospecção a fim de identificar e classificar as páginas e grupos (comunidades) com a temática Black Bloc que mais apresentavam fãs (curtidas). Desse trabalho, destacaram-se grupos com grande número de interações, mas que eram fechados e, portanto, dificultariam a análise. Por fim, optou-se por focar o estudo nas três maiores páginas⁵ relacionadas ao grupo: Black Bloc Brasil⁶ (40.449 fãs), Black Bloc RJ (28.187 fãs) e Black Bloc SP (14.561 fãs).

Para alcançar o objetivo pretendido, o trabalho segue por duas vias: (1) apresentar um panorama das redes que se formam em torno das três maiores páginas do Black Bloc no Brasil e (2) identificar padrões de postagens. Para ambos, os dados foram coletados via Netvizz⁷, uma aplicação gratuita que capta todos os dados relacionados às postagens desejadas (incluindo metadados). Posteriormente, estes foram trabalhados no Gephi, software de visualização de redes e tratamento de dados.

Com relação ao primeiro objetivo, foram coletadas informações relacionadas às últimas 100 postagens de cada página, totalizando um corpus final de 300 posts. Essas informações foram obtidas do dia 4/9/2013 para trás, isto é, tendo a primeira postagem de análise datada do dia 4/9. Nesse ponto, o objetivo é (1) *identificar a densidade da rede* – com isso, verifica-se se há muitos ou poucos usuários que se destacam na interação com as postagens, isto é, se o engajamento proporcionado pela rede é concentrado em poucos usuários; (2) *identificar quais posts obtiveram maior engajamento* (curtidas, compartilhamentos e comentários); (3) *verificar se há muitos posts que geram engajamento* – assim, analisa-se se há um padrão geral de interação ou se só determinados posts se sobressaem. Dessa forma, objetiva-se obter um panorama geral das redes que se formam ao redor do conteúdo das páginas estudadas.

Com relação ao segundo objetivo, os mesmos 100 posts de cada página foram analisados individualmente e classificados quanto ao recorte temático, a fim de oferecer subsídios para uma análise qualitativa. As categorias escolhidas⁸ foram: (a) *reforço de identidade* – conteúdo que remeta diretamente à propagação da identidade do Black Bloc e seus assuntos correlatos. Caracteriza-se por não apresentar conteúdo ‘up to date’ e tenta reforçar temas como anarquismo, atos anti-capitalismo e globalização e reforçar a estética dos Black blocs locais e de outros países; (b) *mobilização* – posts que chamam os usuários para mobilizações promovidas pelo grupo ou por grupos associados; (c) *cobertura* – conteúdo de cobertura ao vivo de manifestações ou atos promovidos pelo grupo; (d) *relatos* – semelhante ao anterior, porém não tem caráter de ao vivo e geralmente são postados no dia posterior a algum ato; (e) *referência à mídia* – posts com referência direta, e normalmente contrária, ao conteúdo publicado em órgãos de mídia de massa.

⁵ Considerou-se maiores páginas aquelas que apresentavam, no dia 4/9/2013, o maior número de curtidas.

⁶ O nome real da página é “[Black Block Brazil]”, mas a fim de facilitar a escrita durante o trabalho, adotaremos o nome Black Bloc Brasil.

⁷ <https://apps.facebook.com/netvizz>

⁸ Essas categorias não aparecem explicitamente nos autores estudados, mas as escolhas pretendem apresentar pontos de convergência na bibliografia, além de ser um modo de sistematização da pesquisa.

Com essa classificação, é possível identificar quais os tipos de post mais publicados e conseqüentemente quais os que obtém maior engajamento. Ao fim, tem-se um quadro geral de como as páginas Black Bloc no Brasil levam à frente sua ideologia política e como se posicionam perante seus usuários.

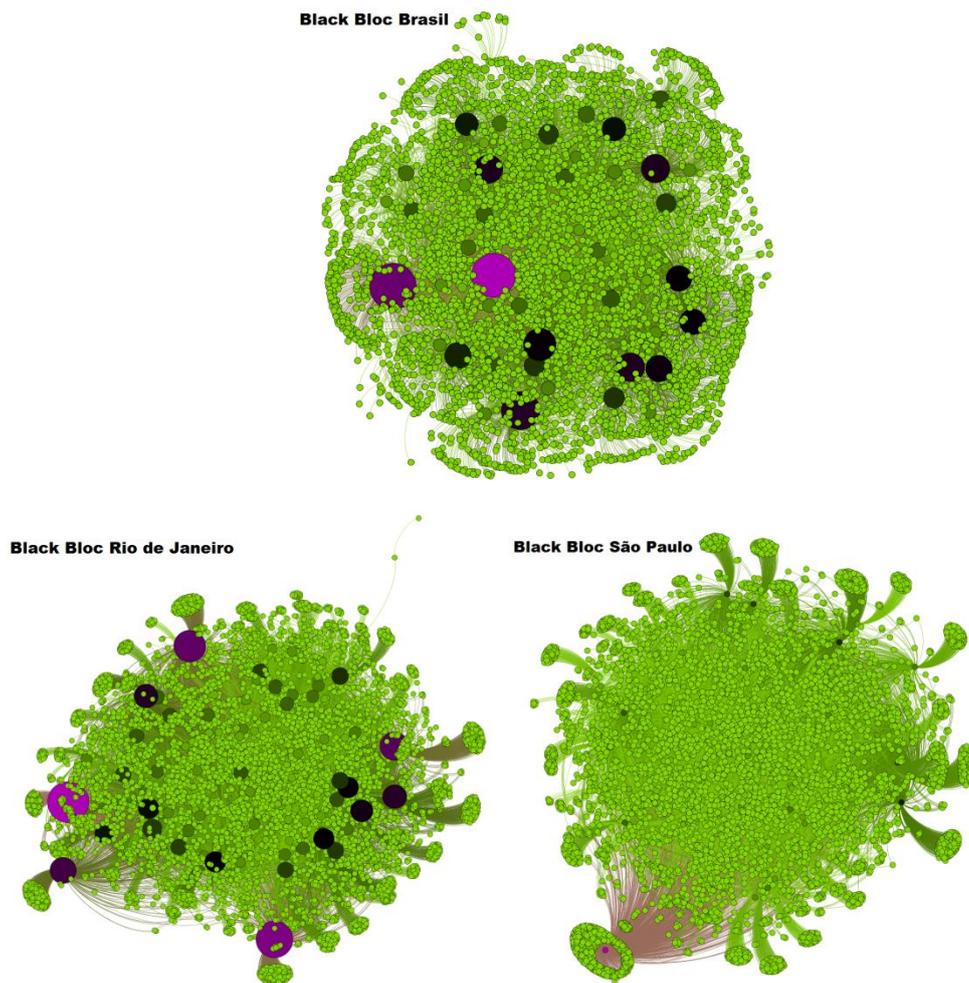
RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das redes das três páginas aqui estudadas pretende dar um panorama geral da questão e das interações empreendidas naqueles ambientes. Os três casos refletem períodos cronológicos diferentes, pois cada página responde a uma dinâmica própria de postagem. O Black Bloc Brasil (BBBr), com maior número de fãs, apresenta grande concentração de postagens, tendo realizado as 100 que foram analisadas em apenas oito dias (entre 28/8 e 4/9). Já o Black Bloc Rio de Janeiro (BBRJ) publicou os posts em menos tempo (seis dias, entre 30/8 e 4/9). Por fim, o Black Bloc São Paulo (BBSP) apresentou menos concentração, diluindo seus 100 posts entre os dias 12/8 e 4/9 (24 dias).

A análise realizada através do software *Gephi* revela que há uma diferença marcante no que diz respeito ao nível de engajamento dos usuários com os posts, colocando, de um lado, o BBBr e, do outro, o BBRJ e o BBSP. Engajamento significa o nível de interação que um post proporciona, levando em consideração a soma das curtidas (incluindo curtidas de comentários), dos compartilhamentos e dos comentários – sendo que todos esses elementos são contabilizados de forma unitária e tem o mesmo peso. Portanto, o cálculo revela o quanto aquele post repercutiu dentro daquela rede de fãs.

Conforme a imagem 1 mostra, alguns posts da BBBr se destacam e promovem maior engajamento (esferas maiores), enquanto que nas outras duas páginas há pouco conteúdo que se destaca da maioria – há uma diferença gradativa que pode ser percebida. Isto é, enquanto que no BBBr há um abismo maior entre os posts mais engajados e os menos engajados, nas outras duas páginas a realidade é de menor desigualdade. Esse padrão é de engajamento menor que as outras páginas, muito embora a BBBr tenha mais fãs e, conseqüentemente, mais pessoas atingidas pelo conteúdo.

Figura 1: redes das três páginas analisadas (baseadas no engajamento)



Fonte: Elaboração do autor

A explicação está no tipo de conteúdo postado e na abrangência da página. Quanto a este último fator, o BBr publica conteúdo a respeito de inúmeras manifestações Black Bloc no mundo e não pretende se atrelar a nenhum território. É possivelmente a primeira página que alguém interessado no assunto vá curtir. Pessoas de outras cidades, que não São Paulo e Rio de Janeiro (as que apresentam a maior concentração de manifestações), curtem a página com o intuito de entender o fenômeno e acompanhar os acontecimentos a respeito de protestos e atos, mas sem vinculação específica a uma cidade e a manifestações promovidas em suas localidades. Por isso, mesmo com mais fãs, o nível de engajamento é restrito a momentos episódicos, enquanto que as redes BBSP e BBRJ apresentam um padrão mais fixo e uma discrepância menor. Nestas redes, o número de fãs é menor, mas são pessoas que têm vinculação territorial mais aparente e se interessam especificamente por aqueles assuntos de cada cidade. O nível de engajamento, no geral, é até maior que o do BBr, conforme mostram as 10 postagens com maior engajamento de cada página estudada (quadro I).

Quadro 1: Ranking do nível de engajamento*

	Black Bloc RJ	Black Bloc SP	Black Bloc Brasil
Grau de engajamento	1 – 1709	1 - 3551	1 – 803
	2 - 1480	2 - 1535	2 – 650
	3 – 1332	3 – 1404	3 – 493
	4 – 1294	4 – 1274	4 – 474
	5 – 1171	5 – 1247	5 – 470
	6 – 1048	6 – 1246	6 – 469
	7 – 1039	7 – 1171	7 – 430
	8 – 956	8 – 1036	8 – 418
	9 – 878	9 – 949	9 – 416
	10 – 867	10 – 926	10 – 412

*Os valores apresentados acima resultam de um cálculo que envolve curtidas (incluindo curtidas de comentários), compartilhamentos e comentários, em determinado post.

Fonte: Elaboração do autor

A relação entre usuários que interagem com as páginas e total de fãs segue uma lógica decrescente inversa ao total de fãs. A BBBr possuía, à época da coleta de dados, 40449 fãs, mas apenas 10% (4267) dos usuários interagiu de alguma forma com a página. Já na BBRJ, do total de 28187 fãs, 7754 se engajaram ou cerca de 25%. Por fim, na BBSP o índice sobe para aproximadamente 50% (7448 de 14561 fãs). Como fica evidente, o nível de engajamento está relacionado diretamente com o tamanho da rede, isto é, numa página em que há uma grande quantidade de fãs, a rede se comporta de forma dispersa e as pessoas tendem a acompanhar as atualizações sem interagir com elas. Novamente, a explicação está na abrangência temática das postagens (como poderá ser corroborado mais adiante), pois a BBBr tende a postar assuntos gerais relacionados aos Black Blocs, com pouco conteúdo concentrado territorialmente e disperso em ações espalhadas pelo mundo. Já as outras páginas, por se concentrarem em postagens vinculadas aos seus territórios e protestos organizados pelos donos das páginas, atraem pessoas interessadas diretamente nos protestos e atos do grupo. A interação, como por exemplo o ato de compartilhar, visa a ampliação do alcance dos posts, utilizando a rede pessoal para atingir mais pessoas.

Dentre os usuários, os *one-timers* ou usuários ocasionais dominam a rede. Estudo similar, conduzido pelo Instituto Igarapé⁹, identificou uma taxa de 90% de usuários que só interagiram uma única vez com o conteúdo das páginas Black Bloc no Facebook – sendo que este trabalho estendeu o escopo de análise para 2 meses. Aqui, o número de pessoas que interagiu uma única vez é menor, cerca de 50%¹⁰, para todas as páginas. Esse resultado denota que há muita gente ligada às redes de forma muito sutil e superficial e contribuindo pouco para uma possível discussão política acerca dos assuntos ali postados. Isso não é necessariamente um fato ruim, uma vez que, como vimos na seção teórica deste trabalho, a dispersão faz parte do ambiente digital. O usuário é bombardeado com inúmeras tentações (games, chats, entretenimento em geral) e se engajar em uma ação política online, mesmo que superficialmente, não é tão simples. Isto é, mesmo que uma pessoa seja preocupada com temas políticos, ela ainda tem uma infinidade de “causas” a aderir, que pipocam na tela a todo instante.

Nestes casos, a ocorrência de *one-timers* em escala razoável é compreensível, pois o processo de envolvimento político ao qual estamos observando está inserido num ambiente descentralizado e em que o cidadão é capaz de se atrelar facilmente e rapidamente a qualquer causa ou interesse político específico. Com a mesma rapidez com que se curte uma página, também se desvincula-se da mesma, de modo que o usuário é capaz de adaptar em tempo real seu cardápio de ações políticas online. Isto é, o poder de ação ao mesmo tempo em que está rapidamente acessível (“a um clique de distância”), está também em constante mutação. Portanto, é comum que cidadãos interajam mais, mas em causas e páginas diferentes; ou simplesmente estejam à espreita observando diversos grupos, engajando-se somente naqueles em que se sentem mais à vontade.

Quanto ao segundo objetivo do artigo (identificar e analisar padrões de postagem), o quadro II mostra a relação de tipos de *post* e suas respectivas páginas, conforme explicado na seção de metodologia deste trabalho. Todas as três apresentam uma maior quantidade de conteúdo que visa reforçar a identidade do grupo, com temas que vão desde a estética Black Bloc (imagens de manifestantes mundo afora), passando por questões anarquistas de fundo, até outros assuntos correlatos, como feminismo e movimento pró-animais. A BBBr, como já foi enfatizado anteriormente, é uma página de temática mais abrangente e, portanto, apresenta o maior número bruto de conteúdo identitário. O segundo *post* que mais gerou engajamento (650) é deste tipo e mostra uma foto de um grupo Black Bloc mexicano em confronto com a polícia. Na legenda, o texto: “Eis que a inspiração surge do México, Black Bloc, avance, resista, não desista!!!”¹¹. Ainda nesse caminho, um tema que ganha destaque é justamente a ação tida como violenta pela polícia. É frequente a postagem de conteúdo que remeta a questões como enfrentamento da polícia militar e o enquadramento deste como um braço opressor do Estado. Mais do que governos e ações políticas, a PM parece ser o maior inimigo dos Black Blocs – pelo menos com relação aos *posts* da BBBr. A definição clara de um inimigo só corrobora com a concepção de Black Bloc como um movimento social, que visa, como lembra Eyerman (2006), desafiar a ordem social vigente.

⁹ O relatório se chama “Black Bloc Rising: social network in Brazil” e está disponível em: <http://igarape.org.br/black-bloc-rising-social-networks-in-brazil/>

¹⁰ Contagem de *one-timers*: 2545 (BBBr), 3907 (BBRJ) e 3908 (BBSP)

¹¹ <https://www.facebook.com/232857860140548/posts/504306689662329>

Quadro 2: Relação de tipos de post/páginas

	Reforço de identidade	Mobilização	Cobertura ao vivo	Relato	Referência à mídia	TOTAL
Black Bloc Brasil	43	16	1	29	11	100
Black Bloc Rio de Janeiro	38	15	8	22	17	100
Black Bloc São Paulo	33	15	11	21	20	100

Fonte: Elaboração do autor

Ainda com relação a BBBr, os 16 posts que tratam de mobilização, ou seja, que chamam os usuários para mobilizações promovidas pelo grupo ou por grupos associados, não se concentram em protestos promovidos por eles próprios. Há chamadas para que os usuários se mobilizem para comentar massivamente em páginas que eles julgam contrárias à causa que defendem (tática de *flood*), convocação para passeatas feministas e de direitos civis dos homossexuais, dentre outros.

No que tange ao conteúdo categorizado como referência à mídia, há uma concentração de posts que busca notícias em grandes portais para comentarem contrariamente – enquadrando-os como meios de manipulação e tratamento inadequado da causa e dos protestos. Nesse sentido, era de se esperar que sites alternativos fossem explorados para noticiar fatos, o que ocorre muito pouco. O papel de relato de manifestações é feito diretamente com a postagem de e-mails ou reprodução de mensagens *inbox* enviadas por usuários que participaram de atos e manifestações. Nessa categoria, foram encontrados 29 casos e, por ser uma página abrangente e sem vinculação territorial, referem-se a casos em todo o Brasil e até no mundo (houve um relato de um ato no México). Após uma das manifestações BB, ocorrida no Rio de Janeiro no dia 27/8, relatos se sucederam nos dias seguintes e um deles foi o que gerou o maior engajamento de um post do BBBr¹² (803 interações).

Diferentemente da BBBr, a página do BBRJ apresenta um maior número de postagens do tipo cobertura ao vivo, que oferece aos usuários uma versão de situações e eventos que ocorrem durante manifestações. Por se focar apenas nas ações do Rio, a página explora melhor essa questão. Ainda assim, entende-se que há pouca utilização desse expediente, provavelmente porque o perfil utilizado para isso deva ser o do Twitter, que tem uma característica de mais instantaneidade. De qualquer forma, a BBRJ também apresenta uma grande quantidade de posts que

¹² <https://www.facebook.com/232857860140548/posts/502987549794243>

visam o reforço de identidade, com lógica semelhante à tratada anteriormente, e destaque para um tipo que tenta colocar a polícia como despreparada, formada por trabalhadores intelectualmente inferiores¹³ e sendo inimiga número 1 dos Black Blocs. Ainda nesse quesito, a página chegou a publicar duas vezes, num período de 6 dias, um mesmo link para um compêndio de textos sobre filosofia anarquista e estética Blabk Bloc.

Os posts sobre mobilização visam a convocação para atos promovidos pelo grupo ou para atos em que o grupo apoia e se coloca à disposição, como as manifestações por melhores salários dos professores. Além disso, destaca-se a convocação para uma “briga virtual” contra uma página chamada ‘A Milícia Escondia dos Black Blocs’, denotando que há espaço para realizações de ações políticas não-presenciais e que demandam menos esforço de mobilização que um ato presencial. Os posts que fazem referência à mídia se concentram em enquadrar a Rede Globo como inimiga e alienadora, enfatizando que a cobertura realizada pela emissora é prejudicial à imagem dos BB.

A BBSP apresenta menor concentração de posts em apenas uma categoria, embora a que mais aparece é a tipo reforço de identidade. À essa altura, comparando postagens do mesmo tipo nas três páginas, percebe-se a repetição de conteúdo que visa construir a imagem do Black Bloc. Imagens e textos de referência rodam as três páginas e, em alguns casos, até se repetem ao longo dos dias. É o caso da foto do post ilustrado na imagem 2 que, embora de qualidade baixa e embaçada, demonstra explicitamente o tipo de identidade defendida pelas três páginas: confronto com a polícia e violência. Não por acaso, esse post foi o que obteve o maior índice de engajamento de toda a amostra, com um total de 3551 interações geradas.

Figura 2: exemplo de post da página Black Bloc SP (15 de agosto de 2013)



Fonte: Reprodução Facebook

¹³ <https://www.facebook.com/531371666911001/posts/565850490129785>

Quanto à mobilização da página BBSP, houve chamadas para atos promovidos pelo grupo, mas também para duas grandes manifestações. Uma contrária à indicação da Rota (força tática da PM-SP) como homenageada na Câmara dos Vereadores da cidade, e outra para ajudar manifestantes que estavam ocupando a Assembleia Legislativa de São Paulo. Para todos os casos e manifestações, os dias posteriores eram marcados por relatos do eventos e publicação de matérias em grandes sites.

CONCLUSÃO

O estudo propôs uma análise da atuação política do Black Bloc no Brasil, por meio de uma investigação de três páginas no Facebook. A análise de redes aqui apresentada está longe de conter a minúcia encontrada em outros estudos, como mostram Peña-López, Congosto e Aragon (2013) e González-Bailón et al (2013), por exemplo, ancorados majoritariamente em *big data*. Mas, por outra via, este tipo de análise foi proposta como forma de dar base de sustentação para um entendimento mais geral de como os Black Bloc utilizam o Facebook para agir politicamente, seja na marcação de mobilizações e manifestações, seja para reforçar sua identidade política.

No geral, a atuação das páginas Black Blocs é preocupada em reforçar sua identidade junto a sua crescente audiência. Há, certamente, postagens que utilizam a instantaneidade e a pervasividade do Facebook (muito facilmente acessível, de PCs a smartphones) para atualizar em tempo real sobre protestos e outras atividades em que o grupo participa ou apoia. As páginas também apresentam uma dinâmica de muitos engajados eventuais e outros tantos que não se envolvem com o conteúdo, preferindo permanecer à espreita. Há, decerto, preocupação em informar aos cidadãos sobre atos locais, mas também existe a ideia de se propagar os valores do Black Bloc como uma tática internacional e sem fronteiras, com causas e reivindicações que ultrapassam barreiras geográficas e se tornam latentes a uma parcela dos jovens do mundo. Até por essas características bem marcadas na concepção identitária e na expressão prática, o Black Bloc deve ser encarado como um movimento social ou grupo social, conforme foi discutido na seção 3 deste trabalho.

A identidade propagada vinculada ao grupo é, em última instância, compartilhada em todo o mundo. Como apontado anteriormente, por não ser um grupo formalizado institucionalmente e que não apresenta um centro de poder específico, esse tipo de ação de reforço de identidade é essencial para demarcar um território político específico, que tem nos ideais anarquistas sua formulação ideológica mais marcante – portanto, mais um elemento a contar na indicação da formação de um grupo social estabelecido ideologicamente e em ações, embora os próprios não reconheçam. Por isso, lançam mão de posts que procuram mostrar um arcabouço de pensamento anarquista exposto em imagens, links, textos e fotos. Assim como mostrado na seção teórica deste artigo, as páginas estudadas corroboram com o fator transnacional do movimento, com a aposta em conteúdo que não é apenas vinculado a protestos locais, mas divulgando imagens que remetem a manifestações em todo o mundo. A vinculação individual, nestes casos, segue mais a lógica da identidade ideológica do que organizacional – como seria, por exemplo, em casos como o Greenpeace ou a WWF, que têm uma imagem pública forte construída com base nas suas ações como grupos formalizados.

Futuros trabalhos na área devem se concentrar em aprofundar mais a questão da formação das redes e na identificação de *hubs* de influência. Ou, ainda, ampliar o *corpus* de análise para obter uma conclusão mais ampla quanto ao tipo de postagem

que mais gera engajamento e se, ao longo do tempo, essas páginas estão apostando nesse tipo de conteúdo como forma de angariar mais adeptos. De qualquer forma, destaca-se a importância deste trabalho como mais um que se junta àqueles que tentam compreender dinâmicas novas de atuação política em ambientes cada vez mais dinâmicos e afeitos a interações dispersas e variadas.

Artigo recebido em 13/01/2014 e aprovado em 24/03/2014

REFERÊNCIAS

- BENNETT, W. L.; SEGERBERG, A. Digital media and the personalization of collective action: social technology and the organization of protests against the global economic crisis. **Information, Communication & Society**, v. 14, n. 6, p. 739-768, Sep. 2011.
- BEMBER, B.; FLANAGIN, A. J.; STOHL, C. **Collective action and organizations: interaction and engagement in an era of technological change**. Londres: Cambridge University Press, 2012.
- BUCY, E.; GREGSON, K. Media participation: a legitimizing mechanism of mass democracy. **New Media & Society**, v.3, n.3, p.357-380, 2001.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 8.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008. v.1.
- CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. São Paulo: Zahar, 2013.
- CHADWICK, A. **Internet politics: states, citizens, and new communication technologies**. Nova York; Oxford: Oxford University Press, 2006.
- CHADWICK, A.; HOWARD, P. **Routledge handbook of internet politics**. [s.l.] Taylor & Francis e-Library, 2009.
- CROSSLEY, N.; IBRAHIM, J. Critical mass, social networks and collective action: exploring student political worlds. **Sociology Journal**, v.46, n.4, p. 596-612, 2012.
- Gomes, W. Participação política online: questões e hipóteses de trabalho. In: GOMES, W.; MAIA, R. C. M.; MARQUES, F. P. J. A. **Participação política e internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- GONZÁLEZ-BAILÓN, S.; BORGE-HOLTHOEFER, J.; MORENO, Y. Broadcasters and hidden influentials in online protest diffusion. **American Behavioral Scientist**, v. 57, n.7, p.943-965, 2013.
- HARLOW, S. Social media and social movements: facebook and an online Guatemalan justice movement that moved offline. **New Media & Society**, v.3, n.16, p.1-19, 2011.
- JURIS, J. Violence performed and imagined: militant action, the Black Bloc and the mass media in Genoa. **Critique of Anthropology**, v. 25, n.4, p. 413-432, 2005.
- LYCARIÃO, D. Internet e movimento ambientalista: estratégias do Greenpeace para a sustentação de debates na esfera pública. In: GOMES, W.; MAIA, R. C. M.; MARQUES, F. P. J. A. **Internet e Participação Política no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 257-292
- MAIA, R. C. M. Internet e Esfera Civil: limites e alcances da participação política. In: GOMES, W.; MAIA, R. C. M.; MARQUES, F. P. J. A. **Internet e Participação Política no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 47-91

PAPACHARISSI, Z. **A private sphere**: democracy in digital age. Cambridge: Polity Press, 2010.

PEÑA-LOPEZ, I.; CONGOSTO, M.; ARAGÓN, P. Spanish indignados and the evolution of 15M: towards networked para-institutions. In: CONGRESSO INTERNACIONAL INTERNET, DERECHO Y POLÍTICA, 9., 2013, Barcelona. **Anais...** Barcelona: Univrsitat Oberta de Catalunya, 2013.

SAYED, N. Towards the egyptian revolution activists' perceptions of social media for mobilization. **Journal of Arab & Muslim Media Research**, v. 4, n. 2-3, p. 273-298, 2011.

VAN DEUSEN, D. The emergence of the Black Bloc and the movement towards anarchism: Get Busy Living, Or Get Busy Dying. In: VAN DEUSEN, V.; MASSOT, X. (Org.). **The Black Bloc papers**. [s.l.] Breaking Glass Press ; Alternative Media Project. 2010.

VAN DIJK, J. **The network society**. 3. ed. Califórnia: Sage Publications, 2010.

ZHANG, Weiwu et al. The revolution will be networked : the influence of social networking sites on political attitudes and behavior. **Social Science Computer Review**, v. 28, n.1, p.75-92, 2010.